

## **Da lei da queda tendencial da taxa média de lucro à teoria das ondas longas do desenvolvimento capitalista: uma interpretação marxista.**

Nelson Nei Granato Neto (UFPR)<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Este artigo é um retorno à teoria das ondas longas na abordagem marxista. Como esta está ligada à lei da queda tendencial da taxa média de lucro, este artigo trabalha em duas frentes: 1) a exposição da queda tendencial da taxa média de lucro feita por Karl Marx, e sua implicação na acumulação e nas crises; e 2) mostrar a teoria marxista das ondas longas, com ênfase em Anwar Shaik e Ernest Mandel– mostrando seus conceitos e sua validade empírica. As considerações mais importantes deste artigo são que as ondas longas são o resultado do movimento da taxa de lucro ao longo do tempo, e que a teoria das ondas longas na abordagem marxista é um poderoso instrumental para compreender porque as transformações do capitalismo são um sintoma de sua própria decadência.

### **Abstract:**

This paper is a return to the long waves theory in the Marxist interpretation. As well as it is linked to the falling rate of profit, this paper works in two ways: 1) the Karl Marx's explanation about the tendency of falling of general rate of profit, and its implications in accumulation and crisis; and 2) show the Marxist's long waves theory, with emphasis in Anwar Shaik and Ernest Mandel – showing their concepts and their empirical validity. The most important considerations of this paper are that the long waves are the result of the movement of the rate of profit over time, and that the long waves theory in the Marxist interpretation is a powerful instrumental to understand why the transformations of the capitalism are a symptom of its decadency.

### **Área 3 – Economia Política, Capitalismo e Socialismo.**

#### **Sub-área 3.2. – Capitalismo Contemporâneo.**

#### **Sessões ordinárias.**

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Econômicas na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail de contato: nelson.granato@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO.

Inicialmente o objetivo deste artigo é resgatar a abordagem marxista da teoria das ondas longas; para isso, entretanto é preciso desfazer alguns mal-entendidos acerca dessa teoria, como a confusão que é o entendimento da onda longa como um mero ciclo longo da economia capitalista. As ondas longas são períodos históricos específicos da acumulação capitalista, o que será demonstrado ao longo desse artigo; e a intensidade da acumulação capitalista, na interpretação marxista, depende de um fator objetivo que é a taxa média de lucro. Ernest Mandel e Anwar Shaik, dois expoentes da teoria econômica marxista, estudaram as ondas longas como um fenômeno ligado ao movimento da taxa média de lucro e da massa de lucro, respectivamente.

A teoria das ondas longas, na abordagem marxista, está intimamente ligada à lei da queda tendencial da taxa média de lucro desenvolvida por Karl Marx; e aí reside outro problema que é o debate sobre o que Marx realmente entendia sobre a lei da queda tendencial da taxa média de lucro. Para resolver este problema esse artigo apresentará o que Marx escreveu sobre o assunto nos “Grundrisse” e em “O Capital”.

Para entender a teoria das ondas longas é preciso, então, voltar ao que Marx entendia por lei da queda tendencial da taxa média de lucro – o que será apresentado no tópico 2; para então aprofundar-se nas abordagens marxistas das ondas longas no tópico 3. Ao final, no tópico 4 serão apresentadas algumas considerações.

## 2. LEI DA QUEDA TENDENCIAL DA TAXA MÉDIA DE LUCRO.

Nos “Grundrisse”, Marx coloca a importância da lei da queda da taxa de lucro formulada por ele da seguinte forma:

Isto é em todo o caso a mais importante lei da economia política moderna, a mais essencial para entender as relações mais difíceis. É a mais importante lei do ponto de vista histórico. É a lei em que, a despeito de sua simplicidade, nunca foi antes compreendida e, ainda menos, conscientemente articulada. (MARX, 1993. p. 748)

Só a passagem acima confirma que Marx dava uma importância fundamental à lei da queda tendencial da taxa de lucro; e não apenas secundária como pretendem colocar alguns marxistas como Paul Sweezy (1983). A importância que Marx dá a esta lei em sua teoria

reside na consequência desta, que é a de impor um limite histórico ao capitalismo como modo de produção, como pode ser visto nas seguintes passagens do “Grundrisse” e de “O Capital”:

O desenvolvimento das forças produtivas traz sobre o próprio desenvolvimento histórico do capital, quando chega a certo ponto, suspende a auto-realização do capital, ao invés de fazê-lo [...] Quando chega a esse ponto, o capital, i.e. o trabalho assalariado, entra na mesma relação rumo ao desenvolvimento da riqueza social e das forças produtivas tal qual o sistema de guildas, servidão, escravidão [...] A última forma de servidão assumida pela atividade humana, aquela de trabalho assalariado de um lado, e capital do outro, é desse modo rejeitado como uma pele, e essa rejeição é resultado do modo de produção correspondente ao capital. (MARX, 1993. p.749)

O que mais pesa, porém, no horror que os acomete diante da taxa cadente de lucro é o sentimento de que o modo de produção capitalista encontra no desenvolvimento das forças produtivas uma barreira peculiar que nada tem com a produção de riqueza em si. E essa barreira peculiar evidencia que o modo de produção capitalista, com suas limitações, possui um caráter simplesmente histórico, transitório, que não é modo absoluto de produção de riqueza, entrando em conflito com o desenvolvimento ulterior dela, ao atingir certo estágio da evolução. (MARX, 2008c. p. 320)

Como Marx apresentou a lei da queda tendencial da taxa média de lucro? Marx (2008c) no livro III de “O Capital” coloca a taxa cadente de lucro como consequência da elevação da composição orgânica do capital ao longo do tempo; ou seja, a lei da queda tendencial da taxa média de lucro é uma consequência da lei geral da acumulação capitalista, é um resultado do conflito do progresso das forças produtivas com as relações de produção capitalistas.

Mas além da composição orgânica do capital, a taxa média de lucro é determinada por outros fatores como a taxa de mais-valia e o tempo de rotação do capital circulante. A partir da fórmula da taxa média de lucro ( $l' = m/(c+v)$ ), podemos deduzir as seguintes fórmulas<sup>2</sup>:

$$a) \quad l' = m' / (qo+1)$$

$$b) \quad l' = (m.n) / [cf + (cc+v).n]$$

A partir dessas fórmulas vê-se que o aumento da taxa de mais-valia e a diminuição do tempo de rotação do capital circulante fazem aumentar a taxa média de lucro; e mais ainda, tanto o aumento da taxa de mais-valia, quanto a diminuição do tempo de circulação do capital circulante, também são consequências do progresso das forças produtivas tal qual o aumento

<sup>2</sup> Onde:  $l'$  = taxa média de lucro;  $m$  = massa de mais-valia;  $c$  = capital constante;  $cf$  = capital constante fixo;  $cc$  = capital constante circulante;  $v$  = capital variável;  $qo$  = composição orgânica do capital ( $qo = c/v$ );  $m'$  = taxa de mais-valia;  $n$  = número de rotações anuais do capital circulante.

da composição orgânica do capital. É o pretexto perfeito para os críticos da lei dizerem que esta não existe, entretanto Marx fez uma análise muito mais profunda do que seus críticos conseguem enxergar.

Logo no capítulo 14 do livro III (“Fatores contrários à lei”), Marx (2008c) coloca o aumento da taxa de mais-valia como contratendência à queda da taxa de lucro<sup>3</sup>. Esse aumento da taxa de mais-valia pode ser consequência do aumento do grau de exploração da força de trabalho (seja o aumento da mais-valia pela via absoluta, relativa ou extra), redução do salário abaixo do valor da força de trabalho, tamanho da superpopulação relativa (que mantém os salários em nível que não prejudica a acumulação de capital) e do comércio exterior (que barateia os meios de subsistência). Esse aumento da taxa de mais-valia pode ser consequência tanto do progresso das forças produtivas quanto da deteriorização da força da classe trabalhadora frente à classe capitalista. Marx declara enfaticamente que: “A tendência de a taxa de lucro cair está ligada a tendência de subir a taxa de mais-valia e, por conseguinte, o grau de exploração da força de trabalho” (MARX, 2008c. p.315).

Ao mesmo tempo Marx destaca que esse aumento da taxa de mais-valia faz aumentar o tempo de trabalho excedente e a massa de mais-valia ainda que a taxa de lucro caia, ou seja:

Ao progredir o processo de produção e de acumulação, cresce *necessariamente* também a massa de trabalho excedente de que o capital se apropria e pode se apropriar, e, por conseguinte, a massa absoluta do lucro obtido pelo capital da sociedade. Mas as mesmas leis da produção e da acumulação aumentam, além da massa, o valor do capital constante em progressão crescente, de maneira mais rápida que o do capital variável, que se converte em trabalho vivo. *As mesmas leis geram, para o capital da sociedade, crescimento absoluto da massa de lucro e taxa cadente de lucro.* (MARX, 2008c. p. 290) – grifos meus.

Ainda assim, uma pergunta não foi respondida: Se o progresso das forças produtivas faz aumentar tanto a massa e a taxa de mais-valia quanto a composição orgânica do capital; o que garante que a taxa de mais-valia não cresça mais rapidamente que a composição orgânica do capital de modo que a tendência de queda da taxa de lucro se reverta permanentemente, ou mesmo não exista? No capítulo 15 do Livro III (“As contradições internas da lei”), Marx

---

<sup>3</sup> No capítulo 13 do livro III, sobre a lei enquanto tal, Friderich Engels acrescenta ao texto uma observação dizendo que o cálculo da taxa média de lucro deve levar em consideração um determinado período (MARX, 2008c. p. 299); ou seja, a massa de mais-valia tem que ser dividida pela magnitude do capital fixo mais o capital circulante ( $cc+v$ ) de todo o período. Então, nada impede de se calcular uma espécie de taxa anual de lucro, que leve em consideração o número de rotações anuais do capital circulante. E como a diminuição do tempo de rotação do capital circulante nada mais é do que uma aceleração da realização da mais-valia, os efeitos do aumento da taxa de mais-valia sobre a taxa média de lucro são os mesmos que os efeitos causados pela diminuição do tempo de rotação do capital circulante.

(2008c) delinea uma resposta a essa pergunta: o aumento da taxa de mais-valia, ou o grau de exploração da força de trabalho, encontra limites no capitalismo. Existe um limite imediato, na produção, que é o limite das forças produtivas da sociedade. Há também um limite de realização, na venda, que é o limite na: a) proporcionalidade entre os diferentes ramos da economia; e b) poder de consumo da sociedade – limitado pelas relações antagônicas de distribuição da riqueza, que restringe o consumo das massas. As crises, inclusive, são manifestações desses limites da realização da mais-valia.

Nos “Grundrisse”, Marx desenvolve ainda mais os limites da expansão da taxa de mais-valia. O progresso das forças produtivas faz aumentar o valor do capital porque faz o trabalho necessário diminuir em relação ao trabalho excedente; mas a mais-valia do capital (ou taxa de mais-valia) não aumenta na mesma proporção do progresso das forças produtivas, mas sim conforme o impacto desse aumento das forças produtivas na diminuição do trabalho necessário. Assim, Marx chega à seguinte conclusão:

[Quanto] maior a mais-valia do capital antes do aumento das forças produtivas [...] Sua mais-valia aumenta, mas sempre numa relação menor [comparado] ao desenvolvimento das forças produtivas. Deste modo, quanto mais desenvolvido o capital já é, quanto mais trabalho excedente que tem criado, o mais terrivelmente tem que desenvolver as forças produtivas de modo a realizar a si mesmo em uma menor proporção [...] A já menor e em queda fração do trabalho necessário, quanto maior o trabalho excedente, o menos pode qualquer aumento nas forças produtivas perceptivelmente diminuir o trabalho necessário [...] O aumento das forças produtivas pode se tornar irrelevante para o capital; sua realização pode se tornar irrelevante, porque suas proporções [trabalho necessário-trabalho excedente – NNGN] tem se tornado mínimas, e isto pode cessar de ser capital. (MARX, 1993. p. 340)

Aí está o primeiro limite ao aumento da taxa de mais-valia: o próprio progresso das forças produtivas, que quanto maior a relação trabalho excedente-trabalho necessário, menos esse progresso das forças produtivas atua na ampliação da mais-valia do capital; ou seja, quanto maior o desenvolvimento das forças produtivas, maior tem que se o progresso destas para aumentar a taxa de mais-valia. Além disso, Marx também trata do problema da realização da mais-valia nos “Grundrisse”:

O capital força os trabalhadores além do trabalho necessário para o trabalho excedente. Apenas nesse caminho ele se realiza, e cria mais-valia. Mas por outro lado, ele põe trabalho necessário apenas *na extensão que e tanto quanto* ele é trabalho excedente e posteriormente é *realizável como mais-valia*. Ele coloca trabalho excedente, então, como condição do necessário, e mais-valia como o limite do trabalho objetivado, do valor como tal [...] Por sua natureza,

portanto, põe uma *barreira* para o trabalho e a criação de valor, em contradição com sua tendência a expandi-la ilimitadamente. E tanto quanto ao mesmo tempo põe uma barreira específica a ele mesmo, e por outro lado igualmente se dirige sobre e além de *toda* barreira, ele é a contradição viva. (MARX, 1993. p. 421).

Para concluir este tópico, têm-se ainda que falar sobre o papel da queda da taxa de lucro nas crises e as ascensões da taxa média de lucro. Para Marx a crise, seja pela desproporção dos ramos da produção ou da discrepância entre a produção e consumo, e a lei da queda tendencial da taxa de lucro são ambos resultados do progresso das forças produtivas entrando em choque com as relações de produção capitalistas. As crises acontecem ao final dos ciclos de rotações, descrito por Marx (2008b) no livro II de “O Capital”, cuja duração depende do tempo ao qual o capital está preso em sua parte fixa. As crises são as “soluções momentâneas e violentas das contradições existentes, erupções bruscas que restauram transitoriamente o equilíbrio desfeito” (MARX, 2008c. p. 327); sua relação com a queda da taxa de lucro está mais na destruição de capital que provoca, o que freia a queda da taxa de lucro. Portanto não há relação de determinismo entre a queda da taxa de lucro e o início de uma crise; ainda que uma crise possa ser mais forte e duradoura quando a taxa média de lucro está em uma queda mais acentuada, comparando com crises que acontecem em períodos em que a taxa média de lucro está estabilizada ou em ascensão.

Quanto às ascensões da taxa média de lucro; Marx listou contratendências à queda da taxa de lucro e enfatizou que “assim, como tendência apenas atua a lei, e o efeito dela só se torna palpável em circunstâncias determinadas e no decurso de longos períodos” (MARX, 2008c. p.315). Mas não chegou a comentar explicitamente de períodos de reversão da tendência de queda<sup>4</sup> - aumento ou estabilização da taxa média de lucro, por períodos seja de curta ou longa duração.

Entretanto, como Marx colocou como causa principal da tendência de queda da taxa de lucro a elevação da composição orgânica do capital ao longo do tempo e o aumento da taxa de mais-valia como principal contratendência<sup>5</sup>, é coerente explicar os aumentos e/ou estabilizações da taxa média de lucro como consequência de aumentos, digamos, explosivos, além do ritmo “normal” da acumulação e progresso das forças produtivas, da taxa (ou da

<sup>4</sup> Marx (1993) chegou a falar de casos excepcionais de aumento da taxa de mais-valia sem progresso das forças produtivas – como o aumento da fertilidade natural do solo.

<sup>5</sup> Marx (2008c) também coloca o barateamento de elementos do capital constante como contratendência à queda da taxa de lucro. Mas, não se pode esquecer que o progresso das forças produtivas faz aumentar a produtividade (ou, a capacidade produtiva) do trabalho que se reflete em um aumento da composição técnica do capital (MARX, 2008a), esse aumento da composição técnica do capital, independentemente do valor do capital constante, faz aumentar a composição orgânica do capital – que é a causa principal da queda da taxa de lucro.

massa) de mais-valia. É a partir desse ponto que se pode progredir à interpretação marxista das ondas longas.

### **3. TEORIA DAS ONDAS LONGAS DO DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA.**

#### **3.1. DO CICLO DE ROTAÇÕES ÀS ONDAS LONGAS.**

As ondas longas do desenvolvimento capitalista são períodos históricos específicos da acumulação capitalista, com duração aproximada de 45 a 60 anos; cada onda longa é dividida em duas fases – uma expansiva seguida de uma depressiva. A onda longa não se sobrepõe ao ciclo de rotações, que é o tempo ao qual o capital está preso a sua parte fixa; o ciclo tem início na renovação da maquinaria, do capital fixo, essa é a sua fase mais febril e de maior prosperidade que se prolonga até o momento que explodem as crises, que desvaloriza e destrói parte do capital existente, o que prepara a acumulação capitalista para um novo ciclo de rotações. Na fase expansiva, os ciclos econômicos (ou, o ciclo de rotações, na terminologia do próprio Marx) são caracterizados por fortes expansões e crises amenas; devido à maior prosperidade há uma maior tendência à concentração de capital<sup>6</sup>, novos setores da economia, antes marginais, se tornam importantes e generalizam novas tecnologias – o que faz da revolução tecnológica uma característica da fase expansiva das ondas longas. Na fase depressiva há uma inversão dessas tendências; os ciclos econômicos têm seus períodos de prosperidade com pouco vigor, e as crises são fortes e duradouras; com menos prosperidade a centralização de capital caracteriza a acumulação de capital na fase depressiva. Ou seja, fase expansiva não significa prosperidade eterna e nem fase depressiva significa crise eterna; o que diferencia uma fase da outra são, principalmente, as características dos ciclos.

Deste modo, a onda longa não se sobrepõe ao ciclo econômico descrito por Marx; pelo contrário, a teoria das ondas longas parte dos ciclos econômicos para entender o motivo pelo qual em determinados períodos da história do capitalismo a pujança da fase de prosperidade é maior (ou porque as crises são menos violentas) do que em outros períodos. A teoria marxista entende que o motivo não pode ser subjetivo – como na teoria de Schumpeter (1982) que coloca a súbita aparição do empresário inovador como o desencadeador dos ciclos econômicos<sup>7</sup>. O motivo que causa essas fases de expansão e depressão das ondas longas tem que ser material para ser coerente com o marxismo. Aqui está a ligação da lei da queda

<sup>6</sup> Aqui uso o conceito de concentração/centralização de capital feito por Marx (2008a) no Livro I de “O Capital”. Em linhas gerais, concentração de capital é a acumulação de cada capital individual, o crescimento dos capitais individuais; e centralização de capital é a “expropriação do capital pelo capital” (MARX, 2008a. p. 729) em que há fusão de capitais individuais e derrota dos capitais menores pelos maiores na batalha da concorrência.

<sup>7</sup> “Resta saber se por acidente genético ou biológico” (MANDEL, 1986. p. 21).

tendencial da taxa média de lucro com a teoria das ondas longas do desenvolvimento capitalista. É a taxa de lucro que determina a decisão de expandir ou restringir a produção (MARX, 2008c); por isso as crises são mais prolongadas e violentas quando a taxa de lucro está em queda, e estas são mais curtas e amenas com uma taxa de lucro estável e/ou em ascensão. O que diferencia a onda longa de um ciclo longo é o caráter não-cíclico do comportamento da taxa média de lucro, a passagem de uma onda longa à outra não é mecânico.

Uma evidência empírica disso é a comparação da duração dos períodos de expansão e de crise de uma determinada economia, durante as fases de expansão e depressão das ondas longas. No caso da economia norte-americana, têm-se os seguintes resultados:

TABELA 1 – NÚMERO DE TRIMESTRES EXPANSIVOS E RECESSIVOS NOS ESTADOS UNIDOS POR PERÍODO.

	<b>EXPANSÃO</b>	<b>CRISE</b>	<b>EXPANSÃO/ CRISE</b>	<b>Anos de recessão</b>
1947-1966	65	15	<b>4,3</b>	1947, 1949, 1954, 1958
1967-1983	53	15	<b>3,5</b>	1970, 1974, 1975, 1980, 1982
1984-2007	91	5	<b>18,2</b>	1991, 2001

Fonte: BEA (2010) – elaboração própria.

Os períodos 1947-1966 e 1984-2007 são caracterizados por taxas de lucro em ascensão e/ou estáveis, como mostra os dados de Moseley (2007) que serão apresentados nesse artigo mais adiante. Estes dois períodos têm relativamente mais trimestres de expansão do que de crise (como pode ser visto na coluna EXPANSÃO/CRISE) comparando com o período 1967-1983, que os dados de Moseley mostram ser um período de queda contínua da taxa média de lucro nos Estados Unidos.

### 3.2. ANWAR SHAIK E AS ONDAS LONGAS DA MASSA DE LUCROS.

Anwar Shaik defende em vários escritos seus<sup>8</sup> defende que uma queda secular (nas palavras do próprio Shaik) da taxa média de lucro produz uma onda longa com duas fases: a) fase de auge em que a massa de lucro cresce e depois se estagna, caracterizada pela razão crescente de capital fixo em relação ao produto e salários, e produtividade crescente e acima do aumento dos salários; e b) fase de crise, quando a massa de lucro cai, e com isso os lucros e salários reais entram em queda (SHAIK, 1991). Shaik não chega a desenvolver nenhuma

<sup>8</sup> Dentre eles “Valor, acumulación y crisis” e o verbete “Tendência de queda da taxa média de lucro” no Dicionário do Pensamento Marxista.



teoria sobre a passagem de uma onda longa a outra; ou seja, do fim da fase de crise seguida de uma nova fase de auge.

Sempre em seus textos sobre o assunto, Shaik diz que sua teoria das ondas longas da massa de lucro é coerente com a lei da queda tendencial da taxa média de lucro, em oposição ao que ele chamava de teoria das ondas longas da taxa crescente-decrescente de lucro como a de Mandel (SHAIK, 1983). É certo que com uma taxa de lucro secularmente em queda, e apenas sob esta condição, haveria uma, e apenas uma onda longa com fase de auge e fase de crise, como ele mostra algebricamente e graficamente; e, em princípio, Marx não falou de aumentos da taxa de lucro na exposição da tendência de queda da taxa de lucro. Entretanto, dois problemas surgem na teoria de Shaik – um de natureza teórica e outro de natureza empírica.

Em primeiro lugar, a teoria das ondas longas de Shaik pressupõe queda simultânea da taxa de lucro e da massa de lucro – isso entra em contradição com a teoria de Marx que coloca o aumento da massa de lucro mesmo com a taxa cadente de lucro como resultado lógica interna da acumulação capitalista; a queda da massa de lucro só ocorreria no caso excepcional do aumento do capital for menor que a diminuição da taxa média de lucro. Em segundo lugar, a teoria de Shaik não se verificou empiricamente – os cálculos da taxa média de lucro dos Estados Unidos feitos por Dúmenil e Lévi (2007), Cámara (2010)<sup>9</sup>, para o período 1869-2007, e Moseley (2007)<sup>10</sup>, para o período 1947-2004 (ver os gráficos na próxima página) não mostram uma queda secular da taxa média de lucro.

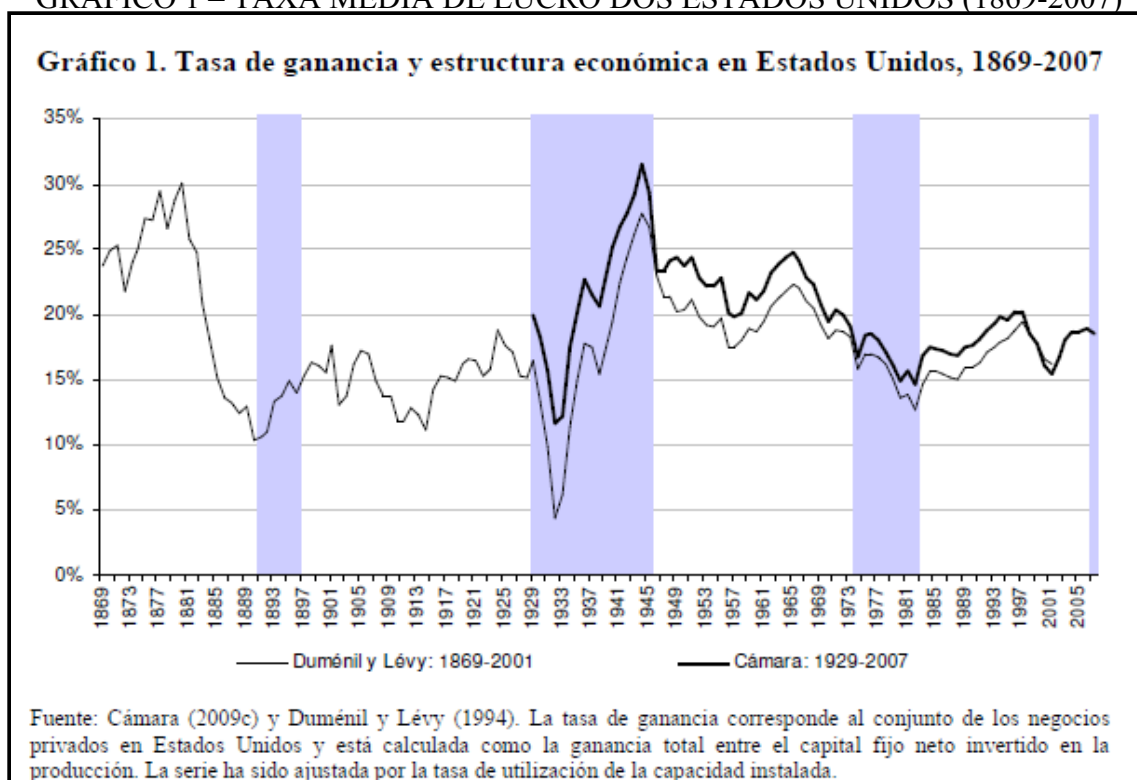
Houve pelo menos três períodos da história econômica norte-americana em que a taxa média de lucro cresceu e/ou se estabilizou: entre 1890 e 1910, entre 1940 e 1965 e a partir de 1984; não houve queda secular da taxa média de lucro como prevê o modelo de Shaik que dá suporte a sua teoria das ondas longas da massa de lucro. Os dados mostram uma queda tendencial da taxa média de lucro, que pode ser vista comparando as taxas de lucro dos anos 1950 e 1990, por exemplo; o que é coerente com a teoria de Marx.

---

<sup>9</sup> Os cálculos feitos por Dúmenil e Lévi e Cámara não devem ser tomados como ‘taxa média de lucro’ tal qual Marx definiu, os cálculos desses autores são apenas uma ‘proxy’ da taxa média de lucro da teoria marxista, uma vez que se resumem a dividir o excedente operacional líquido pelo estoque de capital fixo.

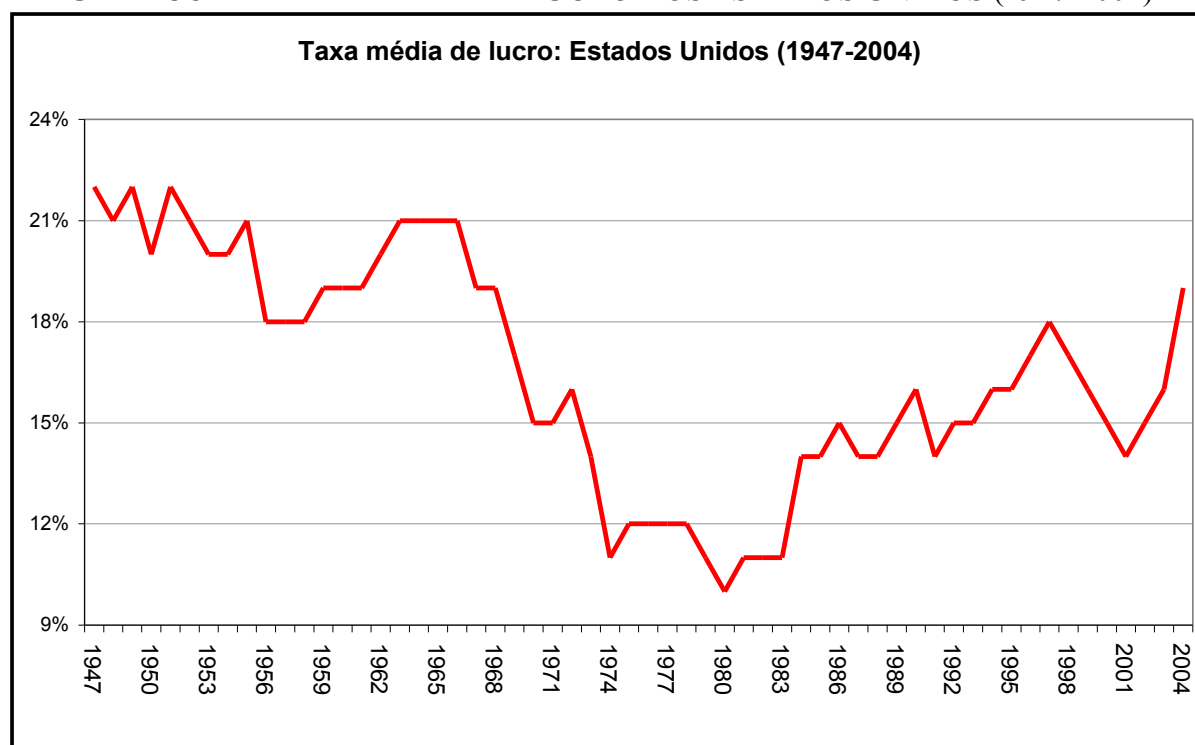
<sup>10</sup> Em “The falling rate of profit in the US post-war economy” Fred Moseley (1991) expõe o seu método utilizado para calcular a taxa média de lucro da economia estadunidense. Pelo método de Moseley é possível chegar ao valor da mais-valia, capital constante e capital variável em agregados muito próximos dos descritos por Marx, há também uma separação de trabalho (e capital) produtivo e improdutivo. O seu cálculo da taxa média de lucro, bem como o da taxa de mais-valia, é a maior aproximação que se tem da taxa média de lucro da teoria de Marx.

GRÁFICO 1 – TAXA MÉDIA DE LUCRO DOS ESTADOS UNIDOS (1869-2007)



Fonte: Cámara (2010).

GRÁFICO 2 – TAXA MÉDIA DE LUCRO DOS ESTADOS UNIDOS (1947-2004)



Fonte: Moseley (2007) – elaboração própria.

### 3.3. ERNEST MANDEL E A TEORIA DAS ONDAS LONGAS DA TAXA DE LUCRO.

A teoria das ondas, na abordagem marxista, mais bem desenvolvida é a de Ernest Mandel – que tratou do assunto de forma sistemática em “O Capitalismo Tardio” e em duas edições de “Ondas longas do desenvolvimento capitalista”. Para Mandel as ondas longas são uma “teoria das ondas longas da taxa média de lucro” e expressam períodos históricos específicos do capitalismo. Como ele sustenta este argumento? Mandel (1986) coloca o problema da seguinte forma: a lógica interna da acumulação capitalista explica a passagem da fase expansiva para a fase depressiva da onda longa – independentemente da força das contratendências, o progresso das forças produtivas faz a taxa de lucro entrar em queda a partir de um determinado momento, quando a expansão do capital atinge uma espécie de ponto de saturação, além do qual não consegue levar adiante a sua auto-valorização a uma taxa de lucro crescente e/ou estável<sup>11</sup>; entretanto, a lógica interna da acumulação capitalista não explica a passagem de uma onda longa à outra, ou seja, a passagem da fase depressiva a uma fase expansiva. Essa passagem se explica por fatores exógenos à acumulação, o que demanda uma análise histórica concreta do período em questão para compreender essa passagem, intitulada por Mandel como ponto de inflexão. Aqui é nítida a influência da crítica de Trotsky à Kondratiev, um dos precursores no estudo das ondas longas junto com Pavrus, Van Gelderen e Kautsky (MANDEL, 1985), sobre a teoria de Mandel. Trotsky (2009) em “A curva do desenvolvimento capitalista” também colocava a importância de eventos da superestrutura da sociedade (como guerras, revoluções e conquista de novos países), ou seja, elementos exógenos à acumulação, na compreensão desses pontos de inflexão do desenvolvimento capitalista.

Em “O capitalismo tardio” Mandel (1985) lista quatro fatores exógenos à acumulação que explicariam o aumento repentino da taxa média de lucro que dá início a uma nova onda longa: a) queda súbita da composição orgânica do capital – através de penetração maciça de capital em esferas ou países com composição orgânica do capital muito baixa; b) aumento repentino da taxa de mais-valia – através do aumento da intensidade do trabalho decorrente de uma derrota radical e da atomização da classe operária; c) queda súbita no preço dos componentes do capital constante; d) diminuição repentina do tempo de rotação do capital

---

<sup>11</sup> Devido a essa interpretação de Mandel sobre o fim da fase expansiva das ondas longas, autores como Shaik (1991) e Itoh (1990) o classificam como um teórico da crise por superprodução de capital, causada pela queda da taxa de lucro. No entanto, Mandel diz ter uma teoria ‘pluricausal’ das crises – como afirmou em “O capitalismo tardio”, e que depois denominou de “teoria geral das crises” (MANDEL, 1980) que leva em conta o papel da taxa média de lucro nas crises, mas sendo essas crises são resultados de várias contradições internas da acumulação.

circulante<sup>12</sup>. E esse aumento súbito da taxa média de lucro inicia um período em que as contratendências à queda da taxa de lucro atuam de forma duradoura e sincronizada (MANDEL, 1986).

Um contra-argumento a Mandel pode ser este: Até que ponto os fatores que ele elencou como “exógenos” à acumulação capitalista são realmente exógenos? Afinal o aumento da taxa de mais-valia, diminuição do tempo de rotação do capital circulante e expansão do capital a novas esferas não deixam de serem efeitos do progresso das forças produtivas e, portanto, endógenos à acumulação capitalista. Por isso Mandel colocou como o grande determinante exógeno à acumulação capitalista a luta de classes entre trabalhadores e capitalistas, as duas classes básicas das relações de produção capitalistas (não-proprietários e proprietários de meios de produção) que, pelo progresso das forças produtivas, tendem a se polarizar e a intensificar seus conflitos.

Mandel, ao acentuar o caráter histórico das ondas longas, colocou a luta de classes (ou o resultado desta) como o fator fundamental para compreender os pontos de inflexão de uma onda longa a outra. São as grandes derrotas da classe trabalhadora que permitem um aumento explosivo da taxa de mais-valia em determinados momentos históricos; o que permite aumentos súbitos e duradouros da taxa média de lucro que dá início a uma nova onda longa com fase expansiva. Nesta passagem Mandel fala, do que ele considerava apenas uma possibilidade, como seria iniciada uma onda longa no final dos anos 1980 ou início dos anos 1990:

Esse regime [o capitalismo] dispõe de recursos não desprezíveis nos países mais ricos da OPEP, no Brasil, no México, em Hong Kong, em Cingapura e na África do Sul e, acima de tudo, alia a essas reservas e recursos econômicos ainda consideráveis um arsenal de armas políticas, ideológicas e militares colocadas a serviço de uma causa que ele perseguirá de maneira tenaz: uma *retomada substancial da taxa média de lucro*, graças a uma *elevação brutal da taxa de mais-valia*. Uma tal elevação é irrealizável sem uma *derrota política e social mais grave do proletariado* dos países imperialistas, da revolução colonial e/ou dos estados operários no próximo decênio. (MANDEL, 1990. p. 320) – grifos meus.

Mandel considerava apenas a possibilidade de uma nova onda longa iniciada no final dos anos 1980; e na segunda edição expandida de “Ondas longas do desenvolvimento capitalista” Mandel (1995) inclusive afirma que a fase depressiva da onda longa iniciada no pós-guerra continuaria nos anos 1990. Os motivos expostos por Mandel fogem do escopo

---

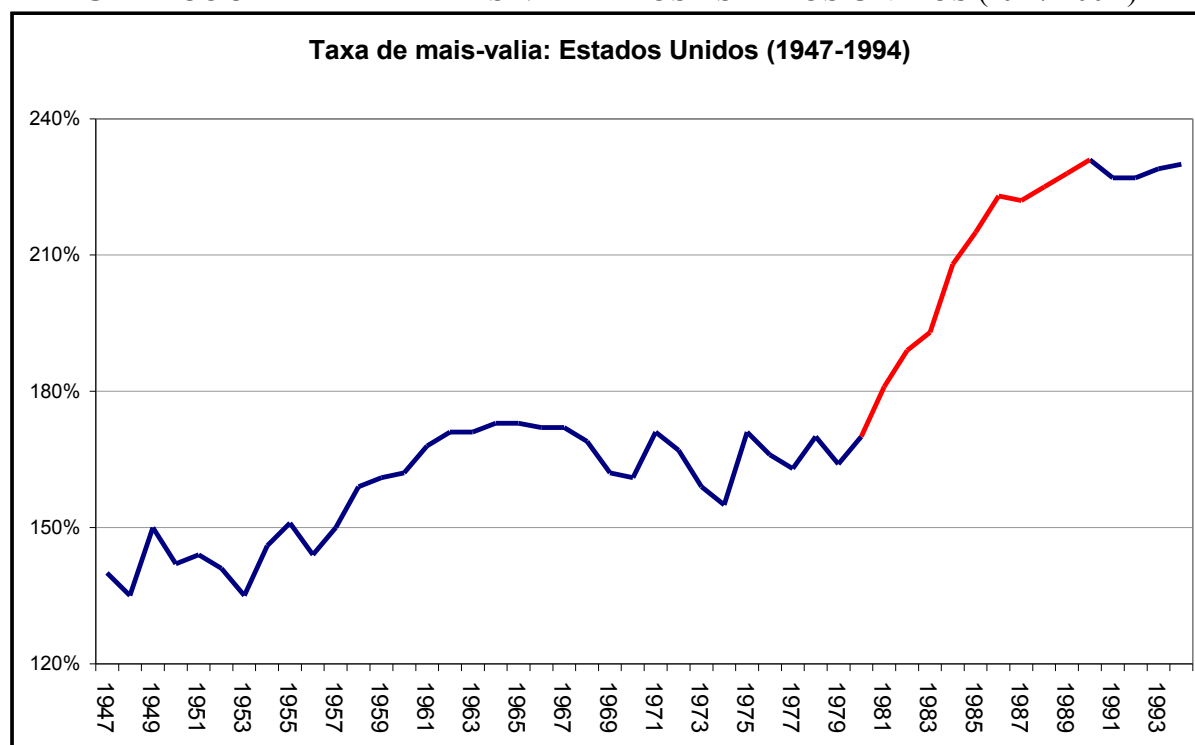
<sup>12</sup> Em “Ondas longas do desenvolvimento capitalista”, Mandel (1986) acrescenta um quinto fator exógeno: aumento brusco da massa de mais-valia.

deste artigo, entretanto seguindo a sua própria teoria e analisando os dados disponíveis da economia dos Estados Unidos tem-se o seguinte quadro:

a) A taxa média de lucro subiu a partir de 1984 e essa tendência se manteve pelo menos até 2007 pelos dados disponíveis; ou seja, por um longo período a taxa média de lucro se manteve estável, revertendo a tendência de queda que vinha desde o final dos anos 1960. O fato das taxas de lucro dos anos 1990 serem menores que as dos anos 1950 é uma decorrência do progresso das forças produtivas durante esse período; as relações de produção capitalistas não conseguem burlar a lei da queda tendencial da taxa de lucro (assim como todas as demais leis do desenvolvimento capitalista) por mais fortes que sejam as contratendências.

b) O aumento da taxa média de lucro nos anos 1980 foi consequência de um forte aumento da taxa de mais-valia, como pode ser visto na parte destacada (em vermelho) no gráfico abaixo. Se a teoria de Mandel estiver correta, esse aumento explosivo da taxa de mais-valia é, em boa parte, resultado de grandes derrotas da classe trabalhadora; deve-se recordar que foi durante os anos 1980 que teve início o neoliberalismo, com cortes dos direitos trabalhistas e redução de gastos de seguridade social, e foi nessa época que aconteceram as grandes transformações no Leste Europeu que levaram ao fim o socialismo de tipo soviético.

GRÁFICO 3 – TAXA DE MAIS-VALIA DOS ESTADOS UNIDOS (1947-1994)



Fonte: Moseley (1997) – elaboração própria.

Novamente foge ao escopo desse trabalho saber se uma nova onda longa se iniciou ou não em algum momento dos anos 1980; entretanto, neste artigo estão listados alguns pontos que são o ponta-pé inicial de um estudo mais aprofundado desse tema.

Para concluir este tópico: Cada onda longa é caracterizada por ritmos ou padrões de acumulação específicos, devido às novas tecnologias e principalmente devido a taxa média de lucro ser menor que na onda longa precedente; e a relação de força entre as classes capitalista e trabalhadora (ou, proletária, operária) é qualitativamente – em termos de força – diferente em cada onda longa. Por esses motivos é que as ondas longas têm o caráter de períodos históricos específicos; e o estudo das ondas longas ao longo do tempo permite verificar a decadência das relações de produção capitalistas – cada uma delas, seguidamente, é uma expressão da deterioração dessas relações de produção capitalistas – cada vez mais um grilhão à expansão das forças produtivas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES.**

Como já foi dito na introdução, o objetivo deste artigo é entender a teoria das ondas longas como períodos históricos específicos do capitalismo, conseqüentes da lei da queda tendencial da taxa média de lucro desenvolvida por Marx; entretanto, esse artigo tem um caráter preliminar que permite tecer apenas algumas considerações, que estão resumidas nesses tópicos:

- 1) A lei da queda tendencial da taxa média de lucro é uma conseqüência da lei geral da acumulação capitalista, negar a existência desta lei tendencial é negar a análise desenvolvida por Marx sobre o capitalismo. É o progresso das forças produtivas, que contrasta com as relações de produção capitalistas, que produz a queda tendencial da taxa média de lucro ao longo do tempo.
- 2) A queda da taxa de lucro se apresenta como tendência ao longo do tempo, fatores contrários atuam sobre essa tendência sendo o principal deles a elevação da taxa de mais-valia. Esta elevação é resultado tanto do progresso das forças produtivas quanto da maior força da classe capitalista frente aos trabalhadores em determinados períodos.
- 3) A onda longa, com suas fases de expansão e depressão, tem que ser entendida a partir de bases materiais para ser coerente com a teoria marxista. O que explica as fases das ondas e a passagem de uma onda longa à outra é o movimento da taxa média de lucro, que é o que explica o diferente comportamento dos ciclos de rotações (duração das fases de prosperidade e crise) nas diferentes fases das ondas longas.

4) Anwar Shaik desenvolveu uma teoria das ondas longas da massa de lucros. O que, apesar de sua relativa coerência interna, só seria empiricamente comprovada se houvesse uma queda secular, eterna, da taxa de lucro – fato que não ocorre na realidade, como mostram os dados da economia norte-americana. As ascensões e quedas da taxa de lucro ao longo do tempo não contradizem a lei da queda tendencial da taxa média de lucro desenvolvida por Marx.

5) Ernest Mandel desenvolveu uma teoria das ondas longas da taxa de lucro, que incorpora as ascensões e quedas da taxa de lucro ao longo do tempo – é mais coerente com o que ocorre na história do capitalismo. Para Mandel a passagem da fase expansiva para a fase depressiva em uma onda longa ocorre por um motivo endógeno à acumulação capitalista, a queda da taxa de lucro; entretanto, a passagem de uma onda longa à outra se dá por motivos exógenos à acumulação, sendo o principal deles uma derrota da classe trabalhadora muito forte em um determinado período, que quando ocorre permite uma elevação muito grande da taxa de mais-valia e faz subir a taxa média de lucro.

6) A teoria das ondas longas é um poderoso instrumental para compreender as transformações do capitalismo ao longo do tempo ao mesmo tempo em que as relações de produção capitalistas se deterioram. Para trabalhos futuros tem-se que compreender melhor como a dinâmica da luta de classes interfere na acumulação capitalista e na supressão do modo de produção capitalista e sua substituição por um modo de produção superior – o socialismo.

## REFERÊNCIAS.

BEA – **United States Bureau of Economic Analysis**. Disponível em: <<http://www.bea.gov/>>. Acesso em: 03/02/2010.

CÁMARA, S. **La crisis estructural actual y la reestructuración Del capitalismo mundial – Uma perspectiva desde el Estados Unidos**. Disponível em: <[http://www.correntroig.org/IMG/pdf/Crisis\\_estructural.pdf](http://www.correntroig.org/IMG/pdf/Crisis_estructural.pdf)>. Acesso em: 30/01/2010.

DUMÉNIL, G.; LÉVY, D. “Neoliberalismo – Neo-imperialismo”. **Economia e Sociedade**. Campinas, v.16, n.1 (29), p.1-19, 2007.

ITOH, M. **The world economic crisis and Japanese capitalism**. Londres: MacMillan, 1990.

MANDEL, E. **A crise do capital** – Os fatos e sua interpretação marxista. Campinas: Unicamp, 1990.

MANDEL, E. **Las ondas largas del desarrollo capitalista** – La interpretación marxista. Madrid: Siglo XXI, 1986.

MANDEL, E. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

MANDEL, E. **The long waves of capitalist development** – A Marxist interpretation. 2<sup>a</sup> ed. Londres: Verso, 1995.

MANDEL, E. **The second slump** – A Marxist analysis of recession in the seventies. Londres: Verso, 1980.

MARX, K. **Grundrisse** – Foundations of the critique of political economy. Londres: Penguin Books, 1993.

MARX, K. **O capital** – Livro I: O processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008a.

MARX, K. **O capital** – Livro II: O processo de circulação do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008b.

MARX, K. **O capital** – Livro III: O processo global da produção capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008c.

MOSELEY, F. **Is he U.S. economy headed for a hard landing?** Disponível em: <<http://www.mtholyoke.edu/courses/fmoseley/HARDLANDING.doc>> Acesso em: 15/10/2007.

MOSELEY, F. **The falling rate of profit in the post-war United States economy**. Londres: MacMillan, 1991.

MOSELEY, F. The rate of profit and the future of capitalism. **Review of Radical Political Economy**. Nova York, vol. 29, p. 23-41, 1997.

SCHUMPETER, J. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril, 1982.

SHAIK, A. **Tendência de queda da taxa de lucro**. In: BOTTOMORE, T. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

SHAIK, A. **Valor, acumulación y crisis** – Ensayos de economía política. Bogotá: Tercer Mundo, 1991.

SWEEZY, P. **Teoria do desenvolvimento capitalista**. São Paulo: Abril, 1983.

TROTSKY, L. **The curve of capitalist development**. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/trotsky/1923/04/capdevel.htm>>. Acesso em: 28/09/2009.